



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNA JIN YA

**ORIENTAÇÕES EDUCATIVAS DE ESTUDANTES E FAMÍLIAS DE ORIGEM
CHINESA NO DISTRITO FEDERAL**

Brasília, DF

2023

BRUNA JIN YA

**ORIENTAÇÕES EDUCATIVAS DE ESTUDANTES E FAMÍLIAS DE ORIGEM
CHINESA NO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de licenciado/a em Pedagogia.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Wivian Jany Weller.

Brasília, DF

2023

Orientações educativas de estudantes e famílias de origem chinesa no Distrito Federal

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de
Pedagogia da Universidade de Brasília do(a) estudante

Bruna Jin Ya

Prof. Dra. Wivian Jany Weller.
Professora-Orientadora

Prof. Dr. Paulo Henrique de Felipe
Membro

Prof. Doutoranda Hamanda Maiara Nascimento Pontes
Membro

Brasília, 8 de dezembro de 2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, estes que me motivaram, deram força e coragem necessária para eu estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Chen Baoming e Jin Luling por me amarem, cuidarem e terem me oferecido tudo aquilo que estava ao seu alcance. Obrigada por tudo.

Agradeço ao meu irmão e minha cunhada, Chen Jinhao e Chen Yaya, por terem me apoiado todos esses anos, principalmente nesse último ano da graduação. Ao carinho e cuidado que tiveram comigo.

Agradeço aos meus sobrinhos, Angela Chen e Jack Chen por todo o apoio, amor e aceitarem fazer parte dos meus trabalhos.

Agradeço aos meus primos, Jin Donghai, Guo Miaozen, Jin Lijie, Lai Xiaohuan, Zhou Qin e Yu Wendong por estarem presentes e representando a nossa grande família, fazendo parte da minha trajetória.

Agradeço a minha Tia Luzia que desde que eu me conheço por gente foi como uma mãe brasileira para mim, me apoiando, desejando e celebrando todas as grandes e pequenas tristezas e felicidades.

Agradeço à minha amiga Byanca Uatanabi por todos esses anos me apoiando, motivando e celebrando as minhas conquistas. Tudo estava fadado ao nosso encontro naquela escola e naquela sala de aula.

Agradeço à minha amiga e parceira Ana Caroline Araújo por tudo o que vivemos nesta fase das nossas vidas, uma amizade verdadeira que o curso de Pedagogia me deu. Choramos e rimos durante quatro anos no online e no presencial.

Agradeço à minha amiga Bruna Prado, sempre digo que nós somos a maior coincidência da vida da outra, não bastando ter o mesmo nome, feito o PAS na mesma sala e ter parado no mesmo curso. Obrigada pelo apoio e risadas ao longo da graduação.

Agradeço às minhas amigas da Pedagogia Luiza Galvão, Maria Clara Rodrigues, Natasha Latorre e Ohani Lima pela caminhada que tivemos juntas. Saímos das aulas remotas para as presenciais e sempre fazendo os trabalhos juntas.

Agradeço aos meus amigos, Giovanna Ramos, Ana Wang, Mateus Ricarte, Wallace Ben, Luana Zhang e Mariana Zhang pelo apoio e torcida.

Agradeço à Angélica que durante todo o curso foi como uma madrinha para mim, respondendo às minhas perguntas, independentemente do horário ou dia, e me guiando ao longo de toda a graduação.

Agradeço ao Renzo Braga, a diretora Lu Xiaojun, Guilherme Braz, Ana Balestro, Amanda de Oliveira, Maria Luiza Laranjeiras e Gabriel Xavier, amigos que o chinês me deu, por estarem celebrando todas as minhas conquistas.

Agradeço aos meus alunos do Grade 4F e Grade 4G, que apesar do pouco tempo que fiquei com vocês, com toda certeza foi o período em que mais aprendi sobre a Pedagogia em prática, eu amei cada segundo que passei com vocês. Sou grata por todo o carinho e atenção que vocês me deram.

Agradeço às professoras Cátia Piccolo e Priscila Franco por me apresentarem a pesquisa e a minha orientadora Wivian Weller, sem vocês nada disso seria possível.

Agradeço a Universidade de Brasília pelas oportunidades e vivências que a mim foram oferecidas, desde os projetos de extensão, a semana universitária e até a possibilidade de fazer matérias de outros cursos. As trocas que tive nesse espaço foram incríveis.

Agradeço à FAP/DF no edital PIBIC/FAPDF do Programa de Iniciação Científica (ProIC) – 2022/2023 pela oportunidade de ter participado da iniciação científica no ano de 2022/2023.

Agradeço especialmente à Professora Wivian Weller por ter me orientado e ter feito possível a conclusão deste trabalho.

EPÍGRAFE

《三字经》

人之初，性本善。
性相近，习相远。
苟不教，性乃迁。
教之道，贵以专。
子不学，非所宜。
幼不学，老何为。
玉不琢，不成器。
人不学，不知义。

王应麟

MEMORIAL

Como filha de migrantes da primeira geração de chineses em Brasília, esses que não possuem um ensino básico completo, minha trajetória educacional sempre foi uma prioridade para a minha família, deixando clara a importância da educação e como ela poderia mudar meu futuro. Nasci na cidade de São Paulo, mas poucos meses depois fui mandada para China, uma vez que meus pais não tinham condições de cuidar de mim. Nesse período, fiquei aos cuidados de familiares.

Com dois anos voltei ao Brasil, especificamente para Brasília. Ingressei na Educação Infantil em uma escola particular. A minha rotina era ir para a Feira dos Importados na parte da manhã e à tarde eu ia para a escola. Como meus pais não falavam português direito e nem entendiam as atividades que os professores passavam, os brasileiros que trabalhavam na Feira me ajudavam com os deveres, principalmente os de português.

Ingressando no Ensino Fundamental 1, estudei por três anos na escola pública do Cruzeiro novo, em que lembro de dois professores que me marcaram. Entretanto, no 4º ano fui transferida de volta para a mesma escola particular de antes. Até então, eu não tinha noção da importância do estudo, uma vez que meus pais não exigiam nenhuma excelência escolar. Por um tempo eu até me perguntei, por que será que eles não são rígidos como os outros pais que exigem que seus filhos estudem?

Nesse meio tempo, muitos dos meus parentes vieram ao Brasil e todos encontraram um desafio, a grande barreira linguística. Já que a língua chinesa e o português são línguas distintas, eles chegavam aqui sem poder se comunicar, nem mesmo em inglês. Como nessa época eu era a única que entendia melhor o português, eu tinha a missão de ensiná-los. Nesse período de alfabetização, ou tentativa, eu percebi que realmente gostava de ensinar português para os meus parentes e estes até diziam que eu levava jeito. O ensino era tradicional, começava ensinando o alfabeto, as sílabas e assim começavam a ler as palavras. Com o tempo, eles iam adquirindo vocabulários.

No ano de 2017, no ensino médio, foi um período difícil, tinha acabado de mudar para uma escola que era mais rígida, era um novo ritmo e ambiente. Entretanto, foi um espaço de muitas aprendizagens, principalmente pelo foco no ingresso à universidade. Foi no Ensino Médio que participei de várias atividades como o *Sigma Múndi*, um projeto de simulação de organismos nacionais e internacionais, no qual os alunos debatem sobre temas relacionados às questões específicas, delimitadas pelo tema de seus comitês, tendo como objetivo enriquecer

o conhecimento extraclasse do estudante. No ano de 2017 participei da simulação do comitê empreendedorismo (CEO 's), em 2018 no comitê de imprensa e em 2019 voltei para o comitê dos CEO's. Foi a partir dessa última participação que comecei a pensar em cursar Administração.

Chegando no terceiro ano, tive aquela dúvida clássica: qual curso escolher? Primeiramente, eu estava condicionada à questão da nota e depois percebi que existia a chance de passar tanto no curso de administração, quanto no de Pedagogia. Confesso que administração foi a primeira opção, mas, ainda assim, algo me puxava para a Pedagogia. Então deixei o destino decidir, colocando o curso de administração como escolha no PAS (Programa da Avaliação Seriada) e Pedagogia para a tentativa de ingresso por meio do Enem. Infelizmente, fui desclassificada dos PAS por ter zerado em línguas estrangeiras e lembro que isso tinha me deixado muito triste porque a universidade pública era um grande sonho.

Minha família não se importou e logo se prontificou a pagar uma universidade particular. O resultado do Enem tinha saído, a nota foi surpreendentemente boa, fiquei surpresa porque nos simulados da escola eu nunca tirava uma nota alta, principalmente em redação. Felizmente, isso me garantiu um desconto e então ingressei no curso de administração do CEUB, em que frequentei por dois meses, enquanto aguardava o resultado do Acesso Enem, forma de ingresso à Universidade de Brasília. O resultado tinha chegado, no ano de 2020 estava oficializado que eu era a primeira da família a ingressar em uma universidade pública, seria a primeira a ter uma graduação em toda a minha família.

Infelizmente, a pandemia do COVID 19 chegou e não foi possível ter a experiência presencial nos dois primeiros anos do curso. Durante o período da pandemia, tudo foi adaptado ao virtual. Do ponto de vista negativo, percebo que algumas vivências foram perdidas, mas, ao mesmo tempo, eu me adaptei bem, já que felizmente minha família teve condições para se manter no isolamento. Nesse período, eu comecei a dar aulas de mandarim online e como não havia o problema do transporte, eu conseguia fazer muitas coisas remotamente.

O primeiro semestre foi de grandes descobertas com esse novo mundo universitário, em que pude perceber que a educação básica não me preparou para escrever e pensar criticamente. É possível constatar isso quando vejo os trabalhos que fiz: as desconexões das ideias e a construção do texto são confusas. Entretanto, felizmente, ao longo da minha jornada acadêmica fui aprendendo a seguir o rigor acadêmico, acredito que até hoje em dia estou aprendendo. Além disso, participei de monitorias e do projeto de extensão “Museu do

Cerrado”, em que fui responsável pela parte da biblioteca e pude conhecer melhor o mundo acadêmico.

No decorrer do curso, também consegui realizar matérias e projetos fora da Faculdade de Educação, como linguística, prática esportiva de dança e no ano de 2022 participei da coordenação do grupo de pesquisa sobre a China da UnB (GECHINA-UnB), que me ofereceu grandes oportunidades de aprendizagens.

No segundo semestre de 2020, realizei a matéria Pesquisa em Educação 1 com a professora Cátia Piccolo, em que pude conhecer melhor como a pesquisa se encontrava no meio acadêmico e sua importância. Foi nessa matéria que surgiu o interesse pela pesquisa e fui apresentada para a minha atual orientadora, Wivian Weller.

No ano de 2022, submeti meu projeto de pesquisa no edital PIBIC/FAPDF do Programa de Iniciação Científica (ProIC) – 2022/2023 e passei em 13º lugar com bolsa de iniciação científica, momento em que pude desenvolver a minha pesquisa e contribuir para o mundo acadêmico. No ano seguinte, participei do meu primeiro congresso de iniciação científica e tive a chance de compartilhar a minha pesquisa com os meus colegas.

Ademais, não posso deixar de citar as minhas experiências nos estágios. O primeiro estágio que realizei foi na Educação Infantil, foi o primeiro contato real com crianças na escola, onde a prática encontrava a teoria, e entendi o meu papel como futura pedagoga. O estágio do ensino fundamental 1 eu fiz em uma escola particular, na qual afirmo com todas as palavras que foi um tanto enriquecedor e memorável. No estágio em áreas não escolares, pude ter a oportunidade de estagiar na Academia da Polícia Civil, visitando a sede e também pude trabalhar no planejamento dos cursos de progressão de carreira.

Nessa caminhada da graduação em Pedagogia conheci diversas pessoas, com diversas realidades e experiências, sou grata por todas elas. A UnB com certeza ficará marcada para sempre em minha vida.

SUMÁRIO

1	Considerações Iniciais	02
2	Migração chinesa para o Brasil: Um breve histórico	04
2.1	O conceito de educação para os chineses	05
3	Procedimentos metodológicos da pesquisa	06
3.1	Pesquisa documental	06
3.2	A Observação participante	07
3.3	A entrevista semiestruturada	08
4	Dados relacionados a segunda geração de migrantes chineses	10
5.	Orientações educativas de estudantes e famílias chinesas: Breve análise	11
5.1	A primeira geração de migrantes: vinda ao Brasil e percepções sobre educação e sobre a escola no Brasil	11
5.2	A segunda geração de migrantes: percepções dos filhos sobre a educação no Brasil	14
6	Considerações finais	18
	Referências	19
	Anexos	21

Resumo: O presente artigo analisa trajetórias de estudantes da segunda geração de migrantes chineses no Distrito Federal. Apresenta-se um ponto de vista histórico-cultural a fim de entender como a cultura exerce o seu poder hierárquico no que diz respeito à educação. A pesquisa empírica compreendeu a realização de entrevistas semiestruturadas sobre as experiências familiares e educacionais de chineses de primeira e segunda geração, bem como a observação participante e uma pesquisa documental. Espera-se que, por meio deste artigo, o público-alvo estudado possa ter mais visibilidade no campo educacional, e, principalmente, nas políticas educacionais.

Palavras-chave: migrantes chineses, geração, escola, família, educação básica.

Abstract: This article analyzes the trajectories of students from the second generation of Chinese migrants in the Federal District. A cultural-historical point of view is presented in order to understand how culture exercises its hierarchical power with regard to education. The empirical research included semi-structured interviews about the family and educational experiences of first and second generation Chinese, as well as participant observation and documentary research. It is hoped that, through this article, the target group studied can be given more visibility in the educational field, and especially in educational policies.

Keywords: Chinese migrants, generation, school, family, basic education.

Orientações educativas de estudantes e famílias de origem chinesa no Distrito Federal

Bruna Jin Ya¹

Wivian Weller (orientadora)²

1 Considerações Iniciais

A migração é, pois, um fenômeno historicamente condicionado, resultado de um processo global de mudanças políticas, econômicas e sociais, e para compreendê-lo é preciso de início entender as condições históricas que a ocasionam (Veras, 2008, p. 26).

Com a Revolução Comunista e a fundação da República Popular da China no ano de 1949, bem como a crescente incerteza sobre o sistema político-econômico e a aspiração por uma vida melhor, houve um crescimento da diáspora³ chinesa, que já vinha ocorrendo lentamente. Com o passar do tempo, esses sujeitos se estabeleceram no território brasileiro, resultando no surgimento da diáspora comercial, ou seja, a imigração em busca de condições melhores de vida por meio do comércio (Veras, 2008).

A partir disso, é possível entender que a migração da primeira geração de chineses em para o Brasil se deu principalmente pela busca de melhores condições de vida. Segundo o Observatório de Migrações Internacionais, de 2010 até 2022, foram registradas a entrada de 22.036 migrantes na cidade de São Paulo e 417 no Distrito Federal (Data Migra, 2023), mostrando o grande atrativo que a cidade de São Paulo possui. Essa grande metrópole é, sem dúvidas, presente e representativa com suas associações chinesas.

A geração de transição, ou a segunda geração de chineses, que segundo Crul (2012, p. 12, tradução da autora), corresponde aos filhos dos migrantes de primeira geração, que nasceram no país para o qual migraram, tentam de preservar a cultura dos seus antepassados. Ao mesmo tempo em que são colocadas de frente a diferentes ambientes e diferentes culturas, a chinesa e brasileira, a segunda geração se depara com o desafio de estar em um lugar repleto de pessoas com a fisionomia, a cultura, a moral e os valores diferentes daquela recebida nos anos iniciais de vida, em seu ambiente familiar. É nesse tempo que os sujeitos da

¹ Discente do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - Campus Darcy Ribeiro. E-mail: brunajy.unb@gmail.com

² Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: wivian@unb.br

³ Termo que vem do grego “espalhar semente”, inicialmente dado quase que exclusivamente ao processo de dispersão do povo judaico em consequência do preconceito e perseguição (VERAS, 2008).

segunda geração começam a ter mais dúvidas em relação à sua própria identidade, “sou brasileiro ou chinês?”.

A escola é um ambiente privilegiado de aprendizagem e desenvolvimento pessoal que tem em vista desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas, além de formar cidadãos participativos da sociedade em que vivem (Costa, 2012). Por outro lado, Bourdieu (1989), fala da função reprodutivista da escola, na qual a herança social, por meio do capital cultural, influencia diretamente no sucesso ou insucesso escolar e na ascensão social ou não do estudante. Logo, infere-se que os sujeitos da segunda geração de migrantes chineses são afetados diretamente pela cultura escolar, o que, conseqüentemente, afeta como a sua educação é vista, de tal forma que a escola tem a função de conservar os valores da classe social dominante. Kuenzer (2007) chama isso de uma inclusão excludente, ou seja, há uma inclusão no acesso à escola, mas é negada a equidade de aprendizagem.

Tendo em vista que a autora deste artigo também faz parte da comunidade da segunda geração de migrantes chineses, o presente artigo, partindo-se de um contexto histórico, social e cultural, pretendeu-se ampliar o entendimento em relação à segunda geração de migrantes chineses no Distrito Federal. O presente estudo se caracteriza pela abordagem qualitativa. Weller e Pfaff (2013) citam dois tipos de abordagens possíveis na pesquisa qualitativa etnográfica, tratando da vida de terceiros, a partir das suas tradições culturais, e a história oral, partindo-se da história vivida por um coletivo, assim, essas abordagens buscam explorar e compreender experiências, perspectivas e comportamentos dos sujeitos estudados.

Utilizando-se das técnicas de observação participante, da entrevista semiestruturada e da pesquisa documental, serão discutidos, a partir do ponto de vista dos pais e dos filhos, como as famílias chinesas em Brasília constroem uma relação do eu com o outro e as suas percepções quanto à educação básica brasileira. Ademais, também será considerado nessa entrevista os processos migratórios da China para o Brasil, importante processo para analisar as perspectivas sociais e educativas entre os países. Desse modo, o trabalho objetivou obter maior conhecimento sobre os amparos, os projetos de vida e as escolhas para o futuro da segunda geração de chineses no Brasil no contexto educativo.

O artigo está dividido em 6 seções. Na seção 1 é abordado um breve histórico sobre a questão da migração chinesa, na seção 2 é elucidado sobre os conceitos de educação para os chineses, na seção 3 abordamos os procedimentos metodológicos, com uma pesquisa documental e por entrevistas semiestruturadas feitas com a primeira e segunda geração de migrantes chineses em Brasília. Já na seção 4 são retratados os dados encontrados durante a

pesquisa, na seção 5 será encontrado o resultado das entrevistas e, por fim, na seção 6 as considerações finais.

2 Migração chinesa para o Brasil: Um breve histórico

Quando se fala sobre o tema das migrações, existe um grande acervo referente aos países europeus e africanos, todavia, são poucas as pesquisas sobre a China, e muito menos sobre a construção de uma nova cultura e educação de migrantes chineses e seus descendentes no Distrito Federal. Para conhecer os chineses e suas formas particulares de se viver em um país diferente do de origem, primeiramente, é necessário entender a sua história e o porquê dessas pessoas terem saído de suas terras para se viver em um país que fica a 16.633 km de distância. Contudo, seria como mais de 45 dias de navio, antigamente, e mais 20 horas, na atualidade, com os aviões.

Inicialmente, o processo migratório chinês se deu, principalmente, após a assinatura do Tratado de Nanquim em 29 de agosto de 1892, abrindo as portas do mundo capitalista à China.

Ao estudarem os registros dos imigrantes que desembarcaram nos portos brasileiros entre a regência de D. João e o império de D. Pedro II, os pesquisadores que se debruçaram sobre a temática afirmam, sem muita segurança empírica, que entre 1.000 e 2.500 súditos do Império Celestial chegaram às terras brasileiras. Em termos estatísticos, podemos sugerir que apenas um inexpressivo montante entre 0,4% e 1% de chineses emigrados trabalhou por aqui. (Mac Cord, 2018, p. 153).

Por volta da década de 1950, a China passou pela Revolução Comunista. Muitos cidadãos chineses estavam insatisfeitos ou não se adaptaram bem à nova política implementada, e conseqüentemente, criou-se um grande fluxo emigratório, de saída do país. Os chineses encontraram no Brasil um país atrativo que demandava mão de obra.

Outrossim, é importante ressaltar a importância da Diáspora Chinesa, que, de forma hegemônica, fez uma movimentação populacional, política e econômica (Veras, 2008) onde chegavam. Veras (2008, p.242) destaca que em alguns círculos fechados, entretanto, os migrantes chineses no Brasil mantêm um universo de regras próprias, com continuidade de tradições e valores advindos do seu país de origem. No que tange à cultura, os grupos se fecham em relações mútuas no território estrangeiro visando a intensificação de suas tradições, sem perder de vista o que deixaram ao emigrar.

Segundo o Observatório de Imigrações, desde 2010 até 2022, foram registrados 179 vistos temporários e 254 vistos de residentes para a capital do Brasil (Data migra, 2023).

Esses chineses que nasceram na China e que migraram para o Brasil são chamados de 华侨 (huáqiáo)⁴ ou 华人⁵ (huárén), e seu descendentes de 华裔 (huáyì)⁶. Grande parte desses sujeitos teve como força motriz para saírem de suas terras natais os fatores políticos e econômicos, buscando condições de vida melhores para si e seus familiares (Veras, 2008).

Chegando em um país desconhecido, com língua e cultura diferentes, muitos não se preocupavam em socializar com o povo local, e por causa disso, as comunidades chinesas no Brasil, e especialmente do Distrito Federal, são muito restritas aos seus membros.

2.1 O conceito de educação para os chineses

A cultura chinesa possui milhares de anos de histórias e mudanças, além de ter como unidade fundamental a família e a educação como necessidades básicas da comunidade e da socialização chinesa. O caráter da cultura é por essência baseado na ética e na moral sobre as relações entre os humanos, os espíritos, a natureza e objetos (Chen, 2010, p. 74). As famílias criaram suas raízes e adaptam seus próprios costumes, normas e valores para os ambientes que estão inseridos.

Os chineses prezam muito pela educação formal e informal dos seus familiares, e não diferente, a primeira geração de migrantes chineses também divide do mesmo pensamento, uma vez que esses não puderam desenvolver tal habilidade, colocando assim expectativas na educação dos filhos, fomentando o espírito competitivo com premiações para aqueles que se sobressaiam (Chen, 2010).

Segundo André Bueno (2022), a dinastia Zhou (1027 a 221 a.C) é marcada pela disputa entre nobres da corte, guerras, epidemias, corrupções e incertezas em relação ao futuro. Com base nisso, um filósofo chinês chamado Confúcio, ou 孔夫子 kǒngfūzǐ (551-479 a.C.), percebe que o motivo de todo esse infortúnio era a ausência de um bom processo educacional que alcançasse todas as camadas da sociedade e por isso, estavam perdendo os seus valores morais (Bueno, 2022). Confúcio foi um grande precursor da ideia de que a sociedade poderia ser reerguida por meio da educação, uma vez que o ensino poderia mudar a conduta das pessoas, já que aqueles mesmo aqueles que nasciam em uma família rica, e tinham acesso à educação, também estavam à mercê da tentação da corrupção e do egoísmo.

⁴ Segundo o dicionário chinês 现代汉语词典(第5版): 旅居国外的中国人 (Tradução da autora: “Chineses que moram fora da China”).

⁵ Segundo o dicionário chinês 现代汉语词典(第5版): 中国人 (Tradução da autora: “Chinês”).

⁶ Segundo o dicionário chinês 现代汉语词典(第5版): 华侨在侨居国所生并取得侨居国国籍的子女 (Tradução da autora: “Filhos daqueles que migraram para outro país e possuem nacionalidade local”).

Inspiradas nas ideias de Confúcio, um provérbio muito antigo que está presente até nos tempos modernos diz:

子不学, 非所宜 (Se as crianças não estudarem, não é apropriado)

幼不学, 老何为, (Se não estudar enquanto jovem, como será quando envelhecer)

玉不琢, 不成器, (A jade que não é polida, não tem serventia)

人不学, 不知义。(Se as pessoas não estudarem, não conhecerão a justiça)

(Wang Yinglin ; Ou Shizi, século 13).

O provérbio demonstra a importância das crianças estudarem. Caso contrário, elas não terão um bom futuro. Não adianta ter uma boa imagem física perante o mundo, se não houver o desenvolvimento da aprendizagem, e conseqüentemente, os sujeitos não conhecerão a justiça, pois estes sujeitos não se desenvolveram durante a sua educação. A partir disso, é possível afirmar que é improvável que a cultura e a educação estejam distantes, uma vez é também a partir da cultura que se transmite a educação, sendo esta sujeita às condições da cultura. Sendo a cultura e língua familiar transmitida através da oralidade das gerações e de processos educativos não-formais que os pais repassam aos seus descendentes.

3 Procedimentos metodológicos da pesquisa

3.1 Pesquisa documental

A pesquisa documental é uma das metodologias utilizadas no meio acadêmico para a investigação e o estudo dos fenômenos sociais. Kripka, Scheller e Bonotto (2015) citam que a pesquisa documental não deve ser considerada apenas como uma caixa de informações, mas deve ser entendida como uma forma de contextualização e análise dos dispositivos comunicativos desenvolvidos nas produções de versões sobre eventos. Por meio dessa técnica, é possível uma análise histórico-social, a fim de entender sobre o processo migratório chinês.

Entender o passado é também entender o que levou os sujeitos a criarem as suas próprias subjetividades,

é pelo exercício da escrita da história que procuramos dar sentido ao conjunto de documentos que, reunidos, permitem ordenar um passado, trazer vestígios desse passado vivido por uma memória coletiva de um determinado grupo social (Souza; Giacomoni, 2021, p. 140).

Na presente pesquisa a análise documental foi realizada por meio do site de alguns sites, sendo eles, o da Polícia Federal, no qual se verificou a quantidade de migrantes com residência permanente no Brasil, mas que infelizmente o dado não está disponível. No Portal de Migração do Ministério da Justiça e Segurança Pública e pelo Observatório das Migrações Internacionais foi possível obter a quantidade de entradas no Brasil de chineses no Brasil e nos Estados de São Paulo e Brasília.

Além disso, na busca de outras fontes sobre a migração chinesa no Brasil, encontrou-se o Museu da Imigração, localizado no estado de São Paulo. Todavia, no site não se encontra disponível as informações deste grupo, resultando assim na busca destes dados nos artigos relacionados à migração.

3.2 A Observação participante

A observação como técnica qualitativa é discutida por vários autores, entre eles, Minayo (1994), Ludke e André (1986) e Marques (2016), que a classificam como um meio provedor dos estudos dos fenômenos que envolvem os seres humanos e as suas relações sociais, atribuindo sentidos às ações como observante ao observado.

Marques (2016, p.266) afirma que “o fenômeno social somente poderia ser compreendido a partir da totalidade integrada da vida nativa”. O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador com os atores que compõem a sua pergunta (Minayo; Deslandes e Gomes, 2007).

Inicialmente, refletiu-se sobre a imparcialidade da pesquisadora, uma vez que também faz parte da comunidade. Entretanto, Marconi e Lakatos (2010) chamam isso de uma observação participante natural, que é quando o(a) observador(a) já faz parte da comunidade e possui propriedades para compreender e se inserir entre as subjetividades dos pesquisados.

Além disso, Marques (2016) destaca que defender a neutralidade do(a) pesquisador(a) é algo utópico, uma vez que, a partir do momento em que se coloca no campo de pesquisa, indiretamente, ele(a) já interferiu na forma como é visto, ou seja, um(a) estrangeiro(a) ali. Logo, propõe-se o princípio proposto por Malinowski (1978, p. 21), que diz que “o investigador deve ter como norteador os objetivos verdadeiramente científicos, viver de forma efetiva entre os nativos e, por fim, recorrer a certos métodos, manipulando e registrando os dados.”

Apenas deixando de ser estrangeiro(a) em seu próprio modo de criar as subjetividades, aos olhos dos nativos, e deixando de lado todo o seu orgulho, o(a) pesquisador(a) poderá

encontrar e entender a verdadeira cultura e os valores daquela comunidade. Entende-se que ser parte da pesquisa estudada molda, sim, o jeito como o(a) pesquisador(a) entende os(as) participantes, mas que, sem essa subjetividade própria, também não é possível estar entre eles(as) e entendê-los(as).

Ademais, também houve contato por meio de aplicativos de mensagem, como WeChat,⁷ WhatsApp, e conversas informais na Feira dos Importados de Brasília, conhecida como Feira do Paraguai pelos moradores locais e onde se encontra uma forte concentração de chineses no Distrito Federal. Esse processo foi de extrema importância, uma vez que só assim foi possível fazer o levantamento da quantidade de pessoas que estariam disponíveis a fazer a parte da entrevista semiestruturada.

O acompanhamento durou cerca de dois meses, dividido em duas partes. A primeira foi acompanhando os pais em sua rotina na Feira dos Importados, na qual trabalham mais de 8 horas por dia, de terça a domingo e até mesmo em feriados. E a segunda parte foi acompanhar a rotina dos filhos da mesma forma. A idade dos chineses varia entre 40 e 60 anos, já a dos seus filhos, os descendentes da segunda geração, varia entre 20 e 25 anos.

3.3 A entrevista semiestruturada

Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que o investigador tem para realizar a Coleta de Dados, na qual:

“O informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.” (Triviños, 1987, p.146).

A entrevista semi-estruturada é composta por uma série de perguntas abertas que são preparadas antecipadamente e apresentadas oralmente em uma ordem prescrita, em que o entrevistador tem a liberdade de acrescentar ou retirar perguntas (Laville e Dionne, 1999). Dessa forma, desenvolvendo uma relação entre o entrevistador e o entrevistado, permitindo a compreensão dos valores e opiniões dos indivíduos a respeito de experiências e vivências pessoais.

“Esta abordagem almeja compreender uma realidade particular e assume um forte compromisso com a transformação social, por meio da auto-reflexão e da ação

⁷ Aplicativo chinês de múltiplas ferramentas, sendo a principal a troca de mensagens. É muito utilizado na comunicação dentro da China.

emancipatória que pretende desencadear nos próprios participantes da pesquisa. “ (Fraser e Gondim, 2004, p. 145).

Assim, as perguntas da entrevista semiestruturada foram feitas a partir de perguntas norteadoras de maneira a limitar o assunto, ao mesmo tempo que abre a possibilidade para uma discussão acerca do tema, no decorrer da entrevista. As questões previamente formuladas para os pais:

- Vocês poderiam falar um pouco da história da família de vocês na China?
- Por que vocês decidiram vir ao Brasil?
- Vocês vieram para Brasília ou moraram primeiro em outro lugar?
- Vocês já tinham filhos quando vieram para o Brasil?
- O que vocês pensam sobre a escola e a educação no Brasil?
- Os filhos de vocês sempre estudaram em escolas públicas ou escolas particulares no Brasil? Onde eles estudam atualmente?
- Como foi a experiência de colocar os filhos na escola aqui no Brasil?
- Vocês já pensaram em levar o/os a/as filho/s filha/s para estudar na China?
- Vocês já pensaram sobre o futuro dos filhos e o que vocês gostariam que eles fizessem?

E as questões previamente formuladas para os descendentes:

- Você nasceu na China ou no Brasil? Poderia falar um pouquinho sobre a sua infância?
- Poderia contar um pouco sobre como foi a sua experiência na escola?
- Você está estudando/ estudou em escola particular ou pública?
- O que você pretende fazer após terminar os estudos?
- Você ingressou na educação superior? Se sim, que curso você está fazendo e como está sendo a sua experiência?
- Você parou de estudar? Se sim, diga como foi e em que série parou?
- Você sofreu algum tipo de preconceito na escola?
- Como seus pais tratavam das questões escolares?
- Você é o primeiro da família na graduação?
- Você poderia falar um pouco sobre os seus projetos de futuro? Você pretende ficar no Brasil?

- Não tenho mais perguntas, mas teria alguma coisa que você ainda gostaria de falar sobre você e a sua família?

4 Dados relacionados a segunda geração de migrantes chineses

Uma das principais fontes para a pesquisa sobre a migração chinesa no Brasil foi o Museu da Imigração, localizado no estado de São Paulo. Todavia, o site não disponibiliza as informações deste grupo, resultando assim na busca destes dados nos artigos relacionados à migração.

Já tratando dos dados mais recentes, em especial daqueles chineses que vivem em Brasília, foi possível perceber que as notícias que apareciam em sites, jornais e portais de comunicação eram relacionadas ao contrabando e às ações policiais na Feira dos Importados de Brasília, mas nenhuma ação pública que desse suporte a eles.

Por conseguinte, a segunda geração recebe o apoio da família para estudar, já que, infelizmente, o sistema educacional brasileiro ainda é precário quando se trata da inclusão de migrantes chineses, com a linguagem como barreira. Além disso, foi possível perceber que a segunda geração se encontra invisibilizada nas políticas públicas educacionais, uma vez que não se pensa sobre as dificuldades culturais e educacionais dos migrantes, e conseqüentemente, restringe o seu acesso a uma educação básica de qualidade que garanta os seus direitos. Isso contradiz ao artigo 5.º e 6.º da Constituição Federal:

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...].

Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Ademais, apesar de ser possível obter dados quanto à quantidade de migrantes chineses no Distrito Federal, os dados relativos aos seus descendentes são escassos. A pesquisa buscou dados referentes à quantidade de alunos da segunda geração matriculados em escolas da rede pública no Distrito Federal. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no resumo técnico do censo escolar de 2022, mostra que da população de raça/cor amarela, apenas 1,1% estão matriculados em creches, 1,5% na pré-escola, 1,7% nos anos iniciais, 1,5% nos anos finais e 1,2% no ensino médio. Todavia, é

necessário deixar claro que os dados não são direcionados apenas aos descendentes chineses, e sim a classificação cor/raça amarela que é composta principalmente pelo público asiático.

Enquanto se fazia a pesquisa, foram procurados dados relacionados à primeira e à segunda geração, que, infelizmente, são muito limitados. Não se sabe ao certo a quantidade de alunos chineses matriculados em escolas, o número de evasões e o número de abandono escolar. Uma fonte de informação poderia ser o censo escolar, contudo, a partir de 2018, é aplicada a Lei Geral de Proteção de Dados (13.709/2018), que restringe o acesso a dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público, ou privado, visando proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural.

O próprio site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inep) traz uma nota de esclarecimento quanto a divulgação dos seus microdados:

A LGPD, vigente desde agosto de 2020, sancionou o sistema protetivo dos dados pessoais no direito brasileiro, estabelecendo princípios norteadores da coleta, do compartilhamento e do tratamento de dados pessoais, além de um conjunto de obrigações aos controladores e responsáveis por essas atividades. (Assessoria de Comunicação Social do Inep, 2022.).

5. Orientações educativas de estudantes e famílias chinesas: Breve análise

Nesta seção serão apresentados os dados oriundos da pesquisa de campo, com ênfase nos depoimentos coletados por meio das entrevistas semiestruturadas. As entrevistas com a primeira geração foi feita em suas respectivas lojas na Feira dos Importados. Foram entrevistados três chineses da primeira geração de migrantes, aqui nomearemos eles como AM, BF, CF. Cada entrevista durou cerca de 15 minutos. Já com os três descendentes da segunda geração de migrantes, as entrevistas foram feitas de forma remota, em português e duraram cerca de 20 minutos e eles foram nomeados como DF, EF e FM :⁸

5.1 A primeira geração de migrantes: vinda ao Brasil e percepções sobre educação e sobre a escola no Brasil⁹

⁸ Os entrevistados foram nomeados como A, B, C, D, E e F. Sendo M para masculino e F para feminino.

⁹ Entrevista feita em Mandarim, tradução da autora.

AM, comerciante, homem chinês com 38 anos que migrou para o Brasil há 20 anos, comenta que sua trajetória não foi fácil devida a pobreza e até prefere não comentar muito:

AM: “Você quer que fale que parte da minha história? Na verdade, ela é muito grande e eu acho que se eu falar eu vou começar a chorar. Mas resumindo, quando eu estava na China eu trabalhava para os outros (como funcionário). Eu vim para o Brasil porque meu pai estava aqui e ele pediu para eu vir. Quando eu estava na China, eu pedi dinheiro para o meu pai para eu abrir meu próprio negócio, mas ele não quis me dar, então ele me obrigou a vir para o Brasil”.

BF e CF, comerciantes, mulheres chinesas com 43 e 42 anos respectivamente, migraram ao Brasil há aproximadamente 20 anos e relatam o principal motivo da sua mudança drástica foi para acompanhar os seus parceiros:

BF: “Antes de vir para o Brasil, eu trabalhei como gerente de um restaurante na China. Na época o meu marido, que era namorado antes, decidiu vir ao Brasil tentar uma vida melhor, e por isso eu vim para cá com ele”.

CF: “Antes de vir ao Brasil eu já tinha trabalhado em um comércio (garçonete) e também já trabalhei em um hotel como funcionária. Eu decidi vir ao Brasil porque meu marido veio (para tentar uma vida melhor) e aí eu vim com ele.”

Quando perguntados sobre a educação brasileira e se já pensaram em levar seus filhos para estudar na China, foram dadas respostas positivas e negativas. AM relata a sua visão quanto a educação pública, famosa pelas suas polêmicas como sempre ter greve:

AM: “Eu já ouvi dizer que as escolas públicas não são boas porque os horários dos professores não são tão bem definidos, tem muita greve e coisas do tipo. Minha filha estuda em escola particular, e eu nunca pensei em levar ela para China, porque quando eu era menor, meus pais não estavam por perto, por isso eu quero que minha filha fique perto de mim. Mas eu quero que depois do Ensino Médio ela volte para China e estude o curso superior lá. ”.

Por outro lado, BF e CF elogiam a educação pública. Entretanto, o discurso não se diretamente ao ensino, e sim a estrutura oferecida pela educação básica:

BF: “Eu gosto que governo brasileiro promove a vestimenta e a comida para os alunos, ele é bom com os seus cidadãos, porque não são todos os pais que podem

pagar uma escola ou faculdade particular. Existem escolas públicas boas, eu tenho uma amiga que os filhos estudaram em uma escola pública que falava em 7 idiomas e ele também entrou na UnB. Ou seja, independente se é escola pública ou particular, todos os pais querem que os filhos possam ter um bom ambiente para se desenvolver. Eu acho que na China os pais querem que seus filhos 望子成龙 (wàng zǐ chéng lóng ¹⁰) eles querem que os filhos tenham destaque na vida. Eu gosto muito da educação brasileira porque é mais fácil na totalidade. Para eles, não é necessário que você tire boas notas que você seja considerado um bom estudante, a educação brasileira olha mais na totalidade. Eu acho que as crianças que estão aqui no Brasil são felizes, porque isso aqui é muito importante na educação brasileira. Na China, os resultados são a prioridade, digo, no Brasil também, mas a questão do ser na totalidade também é levada ao mesmo patamar de importância.¹¹

CF: “A educação brasileira para as crianças de uma forma geral é melhor. As crianças crescem em um ambiente mais tranquilo, sem muita cobrança ou requerimento de que você faça muitas aulas. Na China você precisa fazer reforço de aula disso e daquilo, além de matricular o filho em aulas extras. Os alunos competem entre si, os professores se comparam criando os melhores alunos, os pais se comparam, no final é uma grande competição, querendo que os filhos tenham um bom futuro 望子成龙 (wàng zǐ chéng lóng¹²). A educação na China é muito cansativa, aqui é mais tranquilo. Acho a escola pública boa, quando meu filho mais velho esteve no Brasil, ele frequentou a escola pública, e olha só, tem lanche, almoço. Mas o que eles aprendem é um pouco mais tranquilo, mas que com o tempo é como se os conhecimentos são colocados como degraus, eu acho bem-bom. Eu gosto muito das escolas das meninas, tem muitos projetos que envolvem a família e outras habilidades delas, como, por exemplo, as simulações da ONU, ou de imprensa.¹³

O termo 孝顺 *Xiàoshùn* em chinês é referente à forma a qual os filhos devem ser perante os pais ou mais velhos, a estes da primeira geração, eles devem a obediência, o cuidado e escutar o que eles falam. Essa virtude, que é nutrida e reforçada ao longo dos anos, ainda é muito forte para os descendentes. Chen (2010, p.76) diz que o filósofo confucionista organiza a sociedade com a ordem cósmica e sua hierarquia de relações entre superiores e

¹⁰ Expressão em chinês que significa “A esperança de que os filhos possam alcançar o sucesso acadêmico e profissional”. (Tradução da autora)

¹¹ Entrevista feita em Mandarim, tradução da autora.

¹² Expressão em chinês que significa “A esperança de que os filhos possam alcançar o sucesso acadêmico e profissional”. (Tradução da autora)

¹³ Entrevista feita em Mandarim, tradução da autora.

inferiores. Para os chineses, os pais eram superiores aos filhos, os homens às mulheres, os reis aos súditos.

5.2 A segunda geração de migrantes: percepções dos filhos sobre a educação no Brasil

Por outro lado, entrevistou-se também três estudantes¹⁴ chineses da segunda geração, entre 20 e 22 anos, sobre a trajetória da segunda geração, sendo que todos os descendentes são brasileiros e em algum momento de suas vidas já visitaram a China.

DF: “Eu nasci no Brasil, mas eu fui pra China com oito meses e voltei pra cá com três anos de idade, e aí eu aprendi a falar português aqui. Eu fui pra China porque minha mãe não tinha muito dinheiro né, e aí ela trabalhava na frente do banco, tipo com as coisinhas dela, e aí tipo tinha o período de chuva, mas eu não sabia correr ainda e minha mãe me mandou para China. E eu estudei lá também numa crechezinha dos 8 meses até os 3 anos mais ou menos, não tenho certeza se eu comecei com 8 meses, mas deve ter sido tipo meu último ano lá.

EF: Eu nasci no Brasil, aqui em Brasília. E meus pais eles eram da China há cerca de 25 anos atrás, se eu não me engano né. Meu pai veio antes, aí depois minha mãe veio e já ficou grávida de mim, então foi isso. Eu tive uma infância assim, deveras diferente, porque quando eu tava crescendo meus pais ainda tavam tipo trabalhando né, pra tipo crescer na vida, ainda mais como imigrantes, tipo, eles estavam longe do país de origem deles, longe da família deles, de tudo que eles conheciam. Então eu acho que a minha infância ela é muito marcada por essas mudanças, sabe? Então eu acho que minha infância ela é muito marcada por essas mudanças, meus pais tipo trabalhando muito muito pra tipo, né, melhorar a vida eles no Brasil. Então foi isso, eu tive uma educação assim com os meus pais muito presentes, mas, ao mesmo tempo, meio ausente também por que eles tinham que trabalhar.

FM: Sou brasileiro, nasci no Brasil, mas especificamente em Taguatinga, sempre morei em Brasília, já viajei para China, mas nunca fiquei por muito tempo, no máximo um mês, nunca estudei na China, foi só para visitar. Eu comecei estudando na creche, mas não lembro de nada de lá, aí eu lembro que no quarto ano com quatro anos eu me mudei para águas claras onde estudei na escola X¹⁵, foi uma boa experiência, lembro que eu tinha dificuldades de aprendizagem porque eu não

¹⁴ Os entrevistados foram nomeados como D, E e F. Sendo M para masculino e F para feminino.

¹⁵ Nome fictício da Escola

entendia direito, não falava direito, mas meus pais chamaram uma professora particular e ela me dava uns joguinhos tipo palavra cruzada, caça palavra e me ajudava a entender o português, assim desenvolver minha habilidade cognitiva

Quando perguntados sobre a sua educação básica:

DF: Eu gostava (do ensino básico), só que como eu não sabia falar português, eu odiava os brasileiros, eu mordida eles, foi tipo assim, um choque assim, né pra mim. O português foi difícil na questão social. Meus pais eles me ajudavam mais com tipo matemática, só que mesmo assim era horrível, né, porque eles não tinham paciência pra me explicar as coisas, tanto que tipo quando minha irmã foi pro segundo ano do fundamental, que é quando começa a ter tipo tabuada e tal, meu pai, eu, no primeiro ano, meu pai já mandava eu estudar a tabuada, e aí eu ficava lá chorando, foi horrível.

EF: Eu não tive muito acompanhamento dos meus pais nesses processos de aprendizagem né, e não que seja culpa deles, os meus pais mesmo nenhum dos dois chegaram a terminar a educação básica, eu acho que meus pais estudaram lá na China mesmo até no máximo uns 14 anos e depois precisaram largar a escola pra ajudar na família e talz. Eles não tiveram essa formação né básica, assim a gente ainda tava em outro país, né eles não podiam tipo me ajudar com o dever de casa, por exemplo, de português porque eles mal sabiam falar português né. Quando eu estava crescendo enquanto eu estava aprendendo a falar português, eles também estavam sabe, mas, por exemplo, tiveram coisas que o meu pai fez muita questão de ensinar pra gente, é quando a gente tava, por exemplo, no ensino fundamental 1 e a gente tava aprendendo matemática, então meu pai ele sempre ia sentar comigo e com minha irmã e ia botar a gente pra tipo aprender a tabuada. Só que assim, ao mesmo tempo, ele tava ensinando, a gente tava gastando tempo e energia dele, só que ele também não era muito didático, então era muito no, ou você aprende, ou você aprende, entendeu, não tinha meio-termo, eram muitos gritos, era muito confusão, mas era o jeito que tipo ele sabia ensinar e ele sabia ajudar a gente. Então meus pais nunca puderam me ajudar com dever de casa, a não ser nesse caso de matemática básica assim, mas, por exemplo, eles nunca puderam me ajudar, eles nunca leram 1 livro meu, (nunca) entenderam de fato que eu estava aprendendo.

Além disso, tanto EF e FM comentam que tiveram que desenvolver a sua autonomia muito cedo, nos permitindo presumir que a segunda geração precisa amadurecer e tomar responsabilidades muito precocemente, já que não era possível ter amparo da parte dos pais, já que esses não possuíam conhecimento total da língua portuguesa. Perguntar sobre o dever

de casa era, e é ainda, a forma da qual os pais usam para estar um pouco mais presentes na vida escolar de seus filhos:

EF: Eu acho que nós filhos de migrantes aprende a se virar muito mais, então tudo que a gente faz é um esforço duplo, longe desmerecer as pessoas, sabe, eu tô falando da nossa vivência, então, por exemplo, é muitas amigas contam histórias de tipo, pais fazendo dever de casa com elas, querendo ou não esse é um tipo de apoio que por mais que nossos pais queiram nos dar eles não conseguem. Então o máximo que eles conseguem/conseguiram fazer comigo pelo menos era falar, “já fez o seu dever?”/ “vai fazer seu dever!”

FM: Então chegou uma hora que eu entendi eu acho que fiquei muito independente por causa disso também, porque como eu não conseguia pedir muita ajuda para as pessoas eu tive que aprender tudo sozinho. Eles (meus pais) não sabiam, não conseguiam muita ajuda por causa barreira linguística. Eu aprendi a me virar, então chegou um ponto que eu tipo comecei a sacar as coisas e fazia tudo sozinho, os meus deveres. Minha mãe só perguntava “fez o dever/já fez o dever” só que não me ajudava, eu fazia rapidão e ia brincar, eu acho que acabei desenvolvendo essa independência

Em relação ao preconceito, FM comentam que tentam não dar muita corda, já que aprendi rápido a não ligar aí tipo “se tu não liga nego não enche o saco, basicamente porque tipo ele vê que não mudou em nada, aí ele para.” (FM, 2023). Enquanto, DF e EF falam:

DF: Não preconceito de me excluir, me bater, fazer coisas comigo, mas tipo é mais de tipo falar “pastel de flango”, ficar fazendo assim (gesto de puxar os olhos). Eu me sinto incomodada dependendo da pessoa que tá falando né, que tem um povo aleatório que é meio sem noção, que vem assim, aí eu fico meio.... Eu fico com raiva mesmo.

EF: Eu acredito que já sofri preconceito, mas não físico, tipo que me machuca de forma física e nem nada, mas, por exemplo, eu estudei por alguns anos com uma pessoa (também descendente) que querendo ou não rolava uma comparação entre os pais chineses e na sala também. Tipo eu tirava uma nota menor, aí já ficava “ué”, às vezes acontecia também de tipo eu me esforçar e ir bem e tipo assim vira e fala assim é porque você é asiática sabe, nunca vem do meu próprio esforço.

Em relação aos seus planos, todos de alguma forma refletiram sobre ir para China estudar por um tempo a fim de criar laços maiores com as suas origens:

DF: Atualmente eu faço Biomedicina na Universidade Y¹⁶ eu amo meu curso, não tem o que falar, e sempre estudei em escola particular. Somos (eu e meus irmãos) a primeira geração que entrou na faculdade. Eu entrei na faculdade querendo coisas específicas, mas aí agora eu já não sei. Mas eu quero, sim, fazer um mestrado na China, só não sei o que ainda, tava vendo. Eu não sei se eu quero ficar lá, eu quero se eu for pra área da pesquisa. Eu acho que na China vai ser bem top

EF: Do jardim ao ensino médio eu sempre tive o privilégio de estudar em escola particular, meus pais sempre lutaram muito por esse direito de ter, não é direito né, mas esse privilégio mesmo pra mim. Eles falam muito sobre a gente, eu e meus irmãos, tipo quando acabar com a faculdade aqui no Brasil, de fazer uma pós (graduação) lá ou de tipo ir pra lá fazer algum programa, e eu também acho que eles veem muita importância, tipo no contexto que tá inserido, assim, por exemplo, eles não querem me mandar pra lá pra eu morar pra lá pra sempre, tipo assim, se eu não falasse sim, eles iam querer, mas é possível perceber que meus pais estão bem estabelecidos aqui no Brasil.

FM: Eu faço Engenharia da Computação na Universidade Z¹⁷ e está sendo bem tranquilo, no começo do curso né, foi EAD, então foi um pouco difícil entender e entender, mas as matérias foram tranquilas. E eu pretendo fazer (mestrado), se eu for fazer fora, talvez na China, que logicamente seria bom para ser rico, mas na Europa ou Estados Unidos, eu estaria bem-disposto também. Mas isso tudo considerando se eu for fazer, porque não sei se quero não.

É importante destacar que nenhum dos entrevistados mencionou que a escola em que estudavam em algum momento tomou iniciativas para ajudar na barreira linguística, seja oferecendo aulas de português ou fazendo provas e atividades adaptadas. Todavia, aqui não cabe julgar as escolas, uma vez que, muitas vezes, elas sequer possuem condições de lidar com as demandas da educação básica devido à falta de investimentos e políticas que garantam uma educação de qualidade a todos.

¹⁶ Nome fictício.

¹⁷ Nome fictício.

6 Considerações finais

A fim de conhecer melhor a segunda geração de migrantes chineses no Distrito Federal, foi necessário estudar primeiramente o processo migratório de seus antepassados, uma vez que não se pode tratar o objeto de estudo em sua forma contemporânea e natural. Entender o passado é entender o presente e o futuro, pois, muito pré-conceitos estabelecidos na contemporaneidade são resultados das desinformações e da invisibilidade dos migrantes chineses na sociedade brasileira.

De um ponto de vista histórico, a migração chinesa já ocorre há muitos anos, suas comunidades já se desenvolveram em várias gerações, por diversos países mundo afora. Entretanto, no Brasil, e principalmente no Distrito Federal, os chineses até hoje não possuem um polo fixo como as *Chinatown*s dos Estados Unidos e os seus descendentes continuam na segunda geração, uma vez que a migração para Brasília ainda é muito recente.

No convívio e nas entrevistas com as famílias chinesas, foi possível notar a importância das relações hierárquicas e a honra dos filhos aos seus pais. O ponto de vista desses dois grupos, chineses e seus descendentes, já é bem diferente, na qual os mais velhos acham que a educação brasileira ainda não é de qualidade, sendo que os pontos positivos não são relacionados ao modo de ensino, e que as escolas propagam uma má influência. Por outro lado, os descendentes, inicialmente, não se adaptaram muito bem, principalmente pela barreira linguística, mas, com o tempo, muitos se adequaram bem e acreditam no sistema educacional, mesmo não recebendo nenhum tipo de apoio escolar. Além disso, todos os entrevistados da segunda geração estão cursando a educação superior, indicando que apesar dos desafios enfrentados, obtiveram sucesso em sua educação, mas que o processo não foi fácil e muito das vezes assumiram responsabilidades que não deveriam.

Por fim, foi possível concluir que os documentos necessários para uma análise mais aprofundada deste grupo ainda são muito limitados e até mesmo inexistentes nos portais e sites do governo. O acesso à informação por meios digitais está parcialmente indisponível, não sendo possível entender a real necessidade desse grupo.

Concluindo, as famílias chinesas migrantes, sua cultura e formas de educar são questões que ainda carecem de maior investigação no campo da Sociologia da Educação, especialmente de estudos empíricos, quantitativos e qualitativos, observando a necessidade de um olhar mais subjetivo sobre a cultura e seus modos de ser e de estar no mundo.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Educação em Revista**, n. 10, p. 05-15, 1989.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2022**: Resumo Técnico. Brasília, 2023.
- BRASIL. **Lei nº 13.709**, de 14 de agosto de 2018. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 ago. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 31 abril. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: Atualização em Acolhimento de Imigrantes e Refugiados - AVAMEC. Acesso em 10 nov 2023.
- BUENO, André. EducArte: a educação chinesa na visão confucionista.
- CHEN, Miao Shen. **Cultura e educação dos imigrantes chineses na cidade de Cascavel**: dois mundos, um mesmo objetivo. Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira), Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2010.
- COSTA, Vera Lúcia Pereira. **Função social da escola**. Retirado a, v. 12, n. 11, 2012.
- CRUL, Maurice; VERMEULEN, Hans. **The second generation in Europe**. International migration review, v. 37, n. 4, p. 965-986, 2003.
- DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 14, p. 139-152, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. **Pesquisa Documental**: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. CIAIQ2015, v. 2, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>. Acesso em: 16 fev. 2023.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, v. 340, p. 1990, 1999.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente.** Educação & Sociedade, v. 28, p. 1153-1178, 2007.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, J. P. A. **“observação participante” na pesquisa de campo em Educação.** Educação em Foco, v. 19, n. 28, p. 263-284, 2016.

MAC CORD, M. **Mão de obra chinesa em terras brasileiras nos tempos joaninos: experiências, estranhamentos, contratos, expectativas e lutas.** Afro-Ásia, n. 57, p. 151-185, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Nota de esclarecimento:** Divulgação dos microdados. Inep, 22 fev. 2022. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/nota-de-esclarecimento-divulgacao-dos-microdados#:~:text=A%20LGPD%2C%20vigente%20desde%20agosto%20de%202020%2C%20sancionou.> Acesso em: 31 maio 2023.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **DataMigra.** Disponível em: <https://datamigra.mj.gov.br/#/public>. Acesso em: 30 mar. 2023.

SOUZA, J. E.; GIACOMONI, C. **Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais.** Cadernos CERU, v. 32, n. 1, p. 139-156, 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, p. 116-173, 1987.

VÉRAS, D. B. **As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo.** 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3954>. Acesso em: 8 dez. 2022.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação.** 3. ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

现代汉语词典 (第5版)/中国社会科学院语言研究所词典编辑室编. 一北京:商务印书馆, 2005. Xiàndài hànyǔ cídiǎn (dì 5 bǎn)/zhōngguó shèhuì kēxuéyuàn yǔyán yánjiū suǒ cídiǎn biānjí shì biān. Yī běijīng: Shāngwù yìn shūguǎn, 2005.

YANG, Alexander Chung Yuan. **O comércio dos coolie - (1810/1920).** 1974. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974. . Acesso em: 11 maio. 2023.

YANG, Eun Mi. **A geração 1.5 dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação.** 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Anexos

1. Termo de consentimento de gravação em português.



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Linha de pesquisa: Estudos Comparados em Educação

**GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E
GARANTIA DE SIGILO**

Eu, _____, fui convidado/a a participar da pesquisa **Orientações educativas de estudantes e famílias de origem chinesa no Distrito Federal**. Obtive a explicação de que a minha contribuição consistirá no preenchimento de um questionário e na participação em um grupo de discussão com minha família.

Fui informado/a que o grupo de discussão será gravado e identificado apenas por um número ou apelido e que meu nome verdadeiro nunca será apresentado quando forem divulgados os resultados da investigação. Fui informado/a de que posso não aceitar participar da pesquisa e/ou desistir de participar a qualquer momento.

O termo de consentimento foi lido para mim e decidi participar da pesquisa de forma livre e esclarecida. Também fui informado/a que posso assinar, ou não, este termo de consentimento com a garantia de que meu nome será preservado.

Brasília, DF. ____/____/____

Assinatura da/o entrevistada _____

Assinatura da pesquisadora _____

2. Termo de consentimento de gravação em chinês.



巴西利亚大学
教育学院
研究领域:教育比较研究

保证澄清、自由拒绝和保证保密

我, _____, 应邀参加联邦区华裔学生和家庭教育取向研究。我被告知, 我的贡献将包括填写一份调查问卷, 并与家人一起参加一个焦点小组。

我已被告知, 焦点小组的活动将被记录下来, 并仅以编号或昵称进行识别, 在公布研究结果时, 我的真实姓名将不会被公开。我已被告知, 我可以随时拒绝参与研究和/或退出。

已向本人宣读同意书, 本人决定在自由和知情的情况下参与研究。我还被告知, 我可以签署或不签署本同意书, 但保证保留我的姓名。

巴西利亚 ____ / ____ / ____

受访者签名 _____

研究人员签名 _____